

Nostalgia em rede: sentimentos patrimoniais compartilhados por meio do Facebook

Network nostalgia: heritage feelings shared on Facebook

Nostalgia en la red: sentimientos patrimoniales compartidos en Facebook

Luiz Fernando Klug¹
Ilanil Coelho²
Diego Finder Machado³

Recebido em: 4/8/2019
Aceito para publicação em: 18/12/2019

¹ Licenciado em História e mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (PPGPCS/Univille). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Doutora em História. Docente do curso de História e do PPGPCS/Univille.

³ Doutor em História. Docente do curso de História e do PPGPCS/Univille. Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Capes.

Resumo: Este artigo problematiza, com base no conceito de nostalgia, duas comunidades virtuais do Facebook que abordam ideias de passado das cidades de Joinville e São Francisco do Sul, no estado de Santa Catarina. Com o fenômeno da globalização, que altera as noções de tempo e de espaço, a ideia de comunidade passa a ser vista como um refúgio. O medo de um futuro incerto faz com que essas comunidades remetam seu olhar para o passado, o qual, de maneira romantizada e nostálgica, representa um mundo perdido que deveria ser retomado. Comunidades virtuais, como a “Joinville de ontem” e “São Francisco do Sul e suas histórias”, tendem a exaltar um passado da cidade e acabam ressignificando patrimônios culturais. Os patrimônios da cidade passam a ser símbolos de uma suposta identidade coletiva local em risco de desaparecer. As discussões entre os membros das comunidades virtuais também podem levar à “invenção” de novos patrimônios, ao apontar bens culturais da cidade que consideram importantes e que querem ver preservados e/ou patrimonializados. Assim, pretende-se identificar e discutir quais as relações dessas comunidades virtuais e de seus membros com os patrimônios das respectivas cidades e quais os seus impactos no compartilhamento de sentimentos patrimoniais.

Palavras-chave: patrimônio cultural; cidade; comunidade.

Abstract: This article discusses, based on the concept of nostalgia, two virtual Facebook communities that address ideas of past from the cities of Joinville and São Francisco do Sul, in Santa Catarina state, Brazil. Out of the globalization phenomenon, which changes the notions of time and space, the idea of community is now seen as a refuge. A fear of an uncertain future makes these communities to look back to the past, which, in a romanticized and nostalgic way, represents a lost world that should be reestablished. Virtual communities like “Joinville of Yesterday” and “São Francisco do Sul and its Stories” tend to praise the city’s past and end up resignifying cultural heritage. The city’s heritage becomes symbols of a supposed local collective identity at risk of disappearing. Discussions among members of virtual communities can also lead to the invention of a new heritage by pointing to the city’s cultural properties that they consider important and want to see preserved and/or patrimonialized. Therefore, we intend to identify and discuss the relations among these virtual communities and their members with the cities’ heritage and their impacts on the sharing of heritage feelings.

Keywords: cultural heritage; city; community.

Resumen: Este artículo problematiza, basado en el concepto de nostalgia, dos comunidades virtuales de Facebook que abordan ideas del pasado de las ciudades de Joinville y São Francisco do Sul, en el estado de Santa Catarina. Con el fenómeno de la globalización, que cambia las nociones de tiempo y espacio, la idea de comunidad se ve ahora como un refugio. El miedo de un futuro incierto hace con que esas comunidades miren para el pasado, lo que, de manera romántica y nostálgica, representa un mundo perdido que debería ser recuperado. Comunidades virtuales, como “Joinville de Ayer” y “Sao Francisco do Sul y sus Historias”, tienden a exaltar el pasado de la ciudad y acaban por resignificar el patrimonio cultural. El patrimonio de la ciudad se convierte en símbolos de una supuesta identidad colectiva local en riesgo de desaparecer. Las discusiones entre los miembros de las comunidades virtuales también pueden conducir a la “invención” del nuevo patrimonio al señalar los bienes culturales de la ciudad que consideran importantes y que quieren ver preservados y/o patrimonializados. Por lo tanto, tenemos la intención de identificar y discutir las relaciones de esas comunidades virtuales y sus miembros con el patrimonio de las respectivas ciudades y sus impactos en el intercambio de sentimientos patrimoniales.

Palabras clave: patrimonio cultural; ciudad; comunidad.

INTRODUÇÃO

No fim de setembro de 2019 a empresa Facebook lançou no Brasil uma campanha publicitária intitulada “Somos mais juntos”, a qual incentiva a criação de comunidades em sua rede social. Em entrevista ao jornalista Igor Ribeiro, do *site* Meio & Mensagem, o *chief marketing officer* da empresa no Brasil, Antonio Lucio, afirmou que as pessoas sentem necessidade de estar conectadas umas às outras e que, por esse motivo, elas procuram coisas comuns que as unam (*in* RIBEIRO, 2019). Assim, a campanha publicitária visa estimular o estabelecimento de vínculos virtuais entre usuários do Facebook. A campanha é global, não se restringindo apenas ao Brasil, e tem como *slogan* “Existe um grupo no Facebook para você”. Zygmunt Bauman (2003) afirma que a organização em comunidade representa um desejo por segurança. Seja como for, a forma como as comunidades se constituem modificou-se ao longo dos anos, assim como o significado e a abrangência do conceito. A internet expandiu o conceito ao criar e disseminar comunidades virtuais, as quais rompem barreiras temporais e territoriais. Tais comunidades se compõem, sobretudo, pelo estabelecimento de laços de identificação, ainda que frágeis e provisórios, que podem prescindir de contatos humanos face a face. Nesse conceito se encaixam os grupos do Facebook denominados “Joinville de ontem” e “São Francisco do Sul e suas histórias”, os quais são objetos de estudo de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, da qual o presente artigo é um recorte.

Buscamos, neste artigo, problematizar como o passado das cidades catarinenses de Joinville e São Francisco do Sul é representado em algumas publicações das comunidades virtuais estudadas, dialogando, em uma perspectiva teórica interdisciplinar, com os conceitos de comunidade, comunidade virtual e nostalgia. Ao exaltar o passado, os grupos “Joinville de ontem” e “São Francisco do Sul e suas histórias” acabam ressignificando patrimônios culturais de ambas as cidades, os quais se tornam símbolos de uma suposta identidade coletiva local em risco de desaparecer. Além disso, as discussões no interior dessas comunidades virtuais tendem a “inventar” novos patrimônios, indicando bens culturais da cidade que consideram dignos de ser preservados e/ou patrimonializados. Em um primeiro momento, abordamos o conceito de comunidade e suas modificações ao longo do tempo, bem como o conceito de comunidade virtual, utilizado para descrever os objetos da pesquisa. Em seguida, apresentamos debates em torno do conceito de nostalgia, tomando-o como algo importante para compreender os vínculos estabelecidos com o passado urbano nas comunidades virtuais estudadas. Por fim, apresentamos a análise de algumas publicações de membros dessas comunidades virtuais. Cabe então perguntar: Qual a visão de passado que circula no interior das comunidades virtuais analisadas? Quais bens culturais são escolhidos como relevantes por alguns de seus membros?

O grupo “Joinville de ontem”, criado em 2014, possui mais de 47 mil membros, que têm como anseio rememorar, principalmente por meio de fotografias, algumas facetas de um passado de Joinville. Tal passado se mistura e se confunde com a memória dos membros dessa comunidade virtual, sendo, por vezes, idealizado. O grupo “São Francisco do Sul e suas histórias”, criado em 2015, possui mais de 10 mil membros e muitos deles também integram o grupo “Joinville de ontem”. Ambos os grupos estimulam a rememoração por intermédio dos mais variados documentos, sobretudo fotografias, os quais remetam às suas respectivas cidades. As publicações são carregadas de apelos nostálgicos, pois instigam seus membros a relembrar a cidade de ontem por meio de suas próprias idealizações elaboradas no tempo presente. Narrativas históricas e memoriais são criadas para construir e difundir uma imagem idealizada da Joinville e da São Francisco do Sul de ontem.

Mais do que o simples ato de rememorar, as publicações dos grupos criam um ideal de cidade, e seus membros apontam quais bens culturais querem que sejam preservados e legados ao futuro. A análise dessas publicações vai ao encontro de uma das grandes questões do campo do patrimônio cultural: para que e para quem serve aquilo que consideramos

patrimônio? Essas publicações que remetem ao passado das cidades e dizem o que há de valor nele são as fontes desta pesquisa em andamento. O tratamento das fontes respeitou a política de privacidade da rede social Facebook, levando em consideração que as duas comunidades analisadas possuem políticas de privacidade distintas. O “Joinville de ontem” é um grupo público, e dessa forma todos podem visualizar as publicações lá expostas, até mesmo quem não é usuário da rede social. Já o “São Francisco do Sul e suas histórias” é um grupo privado, cuja visualização fica restrita aos usuários da rede social que são membros da comunidade. Optamos, neste artigo, por ocultar a identificação dos autores das publicações aqui discutidas, assim como dos autores dos comentários.

COMUNIDADE EM REDE: A MODIFICAÇÃO DO CONCEITO

O período entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2000 foi marcado por enormes mudanças nas sociedades ocidentais em virtude, sobretudo, do fenômeno da globalização e do surgimento da internet. Na contemporaneidade não é mais necessário um espaço físico, tampouco um contexto social de interação face a face, para uma comunidade existir. Uma comunidade caracteriza-se pelos laços, pelo sentimento de reciprocidade entre seus membros e pelo sentido coletivo dos relacionamentos. São necessários, também, interação, participação, interesses em comum, caráter cooperativo e sentimento de pertencimento (identificação), ações que, na contemporaneidade, prescindem do contato físico. Segundo Rogério da Costa (2005, p. 239), o conceito de redes sociais é o mais apropriado para o momento atual, por ser mais amplo e abrangente do que o de comunidade. Porém os objetos de estudo que compõem essa análise são grupos pertencentes à rede social Facebook. Para esses grupos se utiliza o conceito de comunidade virtual, justamente por não possuírem a mesma abrangência da rede social como um todo.

O conceito de “comunidade” é complexo e mutável. Cílicia Maria Peruzzo (2002) afirma que tal conceito vem se recriando conforme as sociedades se modificam. Nos últimos anos o termo passou a ser usado sem rigor conceitual e de modo muito abrangente, servindo para caracterizar qualquer aglomeração de pessoas, contudo há critérios específicos para designar o que pode ser entendido como comunidade, os quais certamente não são os mesmos de há dez ou quinze anos. Apesar de terem sido modificados e adaptados a uma nova realidade, tais critérios ainda existem e são necessários. Inicialmente o conceito de comunidade tinha como característica a questão da territorialidade, do espaço geográfico. Ao falar de comunidade, pode-se estar se referindo ao conjunto de moradores de determinado bairro ou até mesmo a uma comunidade religiosa, que, entretanto, estaria delimitada a seu lugar de atuação (um bairro ou uma cidade, por exemplo). Peruzzo (2002, p. 276) afirma:

Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de “comunidades virtuais”, entre outros.

Conforme Peruzzo (2002), o avanço tecnológico alterou as noções de tempo e espaço e trouxe a possibilidade de eventos simultâneos. A presença física não é mais essencial para que um processo comunitário ocorra, mas, apesar disso, uma comunidade virtual ainda precisa dos sentimentos de comunhão, confiança, compromisso e responsabilidade, com base em objetivos comuns. Raquel da Cunha Recuero (2001) diz que discussões públicas, encontros e reencontros são elementos formadores dessas comunidades. Ainda segundo Recuero (2001, p. 6), “‘comunidade virtual’ seria o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC)”.

Zygmunt Bauman (2003) apresenta uma nova questão para esse debate conceitual ao afirmar que a palavra comunidade sugere uma coisa boa, remetendo-nos a um sentimento bom. Comunidade, nesse sentido, seria um lugar confortável e aconchegante. Seria idealizada como um refúgio em meio ao caos do mundo exterior a ela. Na comunidade, pode-se encontrar segurança, além de não haver sentimento de estranheza entre seus membros, mas, ao contrário, a sensação de viver em reciprocidade e comunhão. De acordo com o autor, “o que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes” (BAUMAN, 2003, p. 9). Mas é possível existir uma comunidade assim, tão harmoniosa? Bauman (2003) afirma que não, pois a comunidade, como descrita, não está ao nosso alcance, entretanto ainda assim a idealizamos. Trata-se de um desejo, de uma esperança, ou melhor, de uma utopia, ou mais propriamente uma “retrotopia”. Segundo Bauman (2017, p. 13), a retrotopia é “a negação da negação da utopia”, é a esperança de conciliar segurança e liberdade por meio do retorno a imaginados passados. O que procuramos em uma comunidade, acrescenta Bauman (2003, p. 10), é segurança, nos seus mais amplos sentidos, porém essa comunidade real (diferentemente da idealizada) cobra um preço pela sensação de segurança: a perda da liberdade. Uma pessoa começa a fazer parte de uma comunidade pelo processo de identificação com seus membros, seus objetivos e suas ações, todavia a identificação implica também a diferenciação. O que estiver fora dessa comunidade pode representar riscos. Dessa forma, uma decisão individual é colocada em segundo plano em detrimento da decisão coletiva.

UM LUGAR SEGURO: APELOS NOSTÁLGICOS NA PROJEÇÃO DE UMA CIDADE IDEAL

Em um mundo em que as novas tecnologias aceleraram o tempo da vida cotidiana, tudo se torna obsoleto de maneira muito rápida. Como lembra Svetlana Boym (2017, p. 153), “o século XX se iniciou com uma utopia e terminou em nostalgia”. De acordo com Bauman (2017, p. 11), a ideia moderna de progresso, o pensamento de que o progresso levaria a sociedade a um lugar melhor, foi substituída pelos desejos de imaginados retornos ao passado. O futuro, que antes era visto com esperança e expectativa, passa agora a ser um lugar duvidoso, hábitat do medo e local de pesadelos. As pessoas não acreditam mais num futuro próspero e bom; é como se a sociedade tivesse chegado a seu ápice, no seu melhor, e o que vem de agora em diante é apenas o caos e o declínio. Esse constante medo, fruto das mudanças repentinas e velozes ocasionadas pelos denominados fluxos globais, faz com que essas pessoas voltem seu olhar em direção ao passado. Mas esse passado passa a ser imaginado como algo bom e próspero, pois é o lugar seguro.

As comunidades que anseiam por segurança e estabilidade se sentem deslocadas na modernidade. Em busca desse sentimento de segurança e, por vezes, com medo do futuro incerto, voltam ao passado por meio de um olhar nostálgico. As redes sociais proporcionaram uma fluidez e uma rapidez maior para criar e organizar comunidades. Sendo assim, as comunidades virtuais passam a contar com uma multiplicidade de pessoas discutindo simultaneamente. Esse apego ao passado compartilhado em grandes grupos, de maneira virtual, faz com que o medo do futuro incerto pareça diminuir. Svetlana Boym (2017, p. 153) define nostalgia “como um desejo por um lar que não existe mais, ou nunca existiu”. Volta-se ao passado por meio de um olhar que busca uma memória coletiva idealizada, uma identidade exaltada, como se tudo que se encontra nesse passado fosse bom. Nas palavras da autora: “O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento a distância” (BOYM, 2017, p. 153). Consideramos essa afirmação essencial para compreender o movimento nostálgico. Todas as vezes que retornamos ao passado, nós o fazemos com um olhar do presente. São anseios do presente que nos levam ao passado. Se há uma crise no presente, é ela que direcionará o nosso olhar.

É preciso ressaltar que o conceito de nostalgia é complexo e mutável. A definição apresentada por Boym (2017) cabe à contemporaneidade, não se aplicando ao surgimento do conceito. De acordo com Marcos Piason Natali (2006, p. 18), a palavra nostalgia foi criada pelo médico suíço Johannes Hoffer. Era entendida, inicialmente, como uma doença que abatia principalmente soldados em campos de guerra. Apesar de ter sido criada por um suíço, a palavra tem origem grega: *nostos* (voltar para casa) + *algos* (condição dolorosa). Entende-se, nesse primeiro momento, a nostalgia como uma enorme saudade de casa – local de origem enquanto espaço físico. Natali (2006, p. 17) afirma: “Diversas tradições culturais possuem sofisticadas teorias da saudade e eloquentes descrições de seus efeitos naqueles que dela sofrem”.

Quando criada, a palavra nostalgia representava até mesmo uma forma de demência. Os médicos atribuíam sintomas físicos a ela, como febre, insônia, suspiros frequentes, palpitação do coração e declínio notável de força e apetite. Na parte psicológica, os sintomas eram alucinações, dificuldade de concentração em qualquer coisa além da lembrança em si e perda generalizada de interesse pelo mundo e pela vida – nesse último aspecto, assemelhando-se à depressão (NATALI, 2006, p. 20). A próxima transformação que a ideia de nostalgia sofreu causou uma grande cisão. Agora a nostalgia passou a ser entendida como uma dor provocada pela distância temporal, pela passagem do tempo, não mais se limitando a espaços e pessoas. Natali (2006, p. 28) descreve: “O que o sujeito lamentava, nesses casos, era a transformação do presente em passado, em meio a um período de crescente industrialização e urbanização”.

A sociedade que agora vive um constante medo do futuro passou a ver o passado com bons olhos. Ela esquece todos os problemas que esse passado apresentava e o idealiza como se fosse a solução para a crise encontrada no presente. Porém esse amor nostálgico, essa idealização do passado, só pode sobreviver por conta da distância temporal da experiência histórica. Se voltássemos ao passado tal como aconteceu, depararíamos com todos os problemas que ele enfrentou. Além disso, a visão idealizada do passado que a nostalgia forma pode impactar o futuro. Como afirma Boym (2017, p. 154): “As fantasias sobre o passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro. A consideração do futuro nos faz assumir a responsabilidade por nossas fábulas nostálgicas”. A tecnologia impulsiona esse excesso de passado e essa “explosão” nostálgica. As redes sociais, nas quais está alocada a maioria das comunidades virtuais, facilitam esse retorno e essa discussão sobre o passado imaginado.

PASSADOS IMAGINADOS: UM OLHAR PARA AS COMUNIDADES VIRTUAIS

As comunidades virtuais que fundamentam a presente análise são os grupos do Facebook intitulados “Joinville de ontem” e “São Francisco do Sul e suas histórias”. O grupo “Joinville de ontem” caracteriza-se como nostálgico em sua própria descrição, na qual se afirma que o objetivo do grupo é “ressaltar a memória tudo aquilo que diz respeito ao tempo que marcou o povo desta terra, terra dos príncipes [...]”. Além disso, preza por publicações que não contenham propagandas e o que se intitula como ideologias, nem comentários que ofendam algum dos membros. A ideia principal é um retorno ao passado por meio de imagens e narrativas compartilhadas sobre a cidade de Joinville (SC) e seus moradores. Ressalta-se que se busca contar e compartilhar no grupo uma história que é apolítica, ou seja, uma história neutralizada de “ideologias políticas partidárias” e “filosofias religiosas próprias”, de modo a

preservar e exaltar uma memória oficial da cidade. O fundador do grupo apresenta Joinville como “Terra dos Príncipes”, reforçando um dos epítetos atribuídos à cidade, o qual faz alusão ao fato de que o território do atual município integrava o dote de casamento do príncipe francês François Ferdinand Philippe com a princesa brasileira Francisca Carolina, celebrado em 1843. Joinville carrega em sua memória oficial diversos epítetos que não mais condizem com sua realidade atual e que não incluem toda a sua população (ou talvez nunca tenham incluído), tais como: “Cidade dos Príncipes”, “Cidade das Flores”, “Cidade das Bicicletas” e “Capital da Dança”. Joinville é apresentada como uma cidade de tradições germânicas, o que reforça uma memória oficial calcada em seu passado de imigração e colonização a partir da segunda metade do século XIX, ainda que atualmente seja a maior cidade do estado de Santa Catarina, tendo se tornado multiétnica e multicultural.

O grupo “São Francisco do Sul e suas histórias” apresenta uma ideia similar em sua composição, tendo em vista que muitos de seus membros também fazem parte do “Joinville de ontem”. Em sua descrição, consta que o grupo é dedicado a Aurélio Alves Ledoux, figura que marcou o bairro Vila da Glória e que se intitulava historiador, apesar de não ter formação na área. Além disso, ela ressalta que o objetivo é compartilhar tudo o que se remeta à memória de São Francisco do Sul, solicitando respeito aos membros e fontes (referências) para o que for publicado. São Francisco do Sul (SC) tem uma dimensão territorial e populacional muito menor em comparação a Joinville, entretanto caracteriza-se como a cidade mais antiga do estado e uma das mais antigas do país, cujo “descobrimento” data de 1504 pelo navegador francês Binot Paulmier de Gonneville⁴.

Ambos os grupos se utilizam, principalmente, de fotografias para rememorar cenas e cenários do passado e, dessa maneira, provocam discussões a respeito do recorte temporal apresentado. As publicações desses grupos são tomadas como fontes principais para a pesquisa em desenvolvimento e para os debates abordados neste artigo.

A discussão sobre a presença do passado remete-nos a memórias individuais e coletivas. Maurice Halbwachs (1990) afirma que o primeiro testemunho ao qual podemos recorrer é o nosso. Apesar de nossas lembranças serem individuais e carregadas do nosso ponto de vista, elas são sempre elaboradas com base em um fundo comum de memórias socialmente compartilhadas. Para Halbwachs (1990, p. 30), nunca estamos sós em nossas lembranças, o que faz nossa memória, apesar de individual, ser também coletiva. Isso explica, em parte, a formação de comunidades. Estas se fundamentam em lembranças individuais que articulam elementos comuns aos seus membros e que, por meio da narrativa, elaboram uma suposta identidade coletiva. Compartilhamos as lembranças individuais comuns em grupo, pois a memória coletiva dá mais credibilidade a fatos vividos no passado, além de criar vínculos de identificação entre as pessoas desse grupo. Os discursos hegemônicos sobre o que é e o que deveria ser a identidade coletiva de Joinville buscam um possível enraizamento no passado da imigração e colonização europeia ao longo da segunda metade do século XIX, sobretudo da imigração e colonização germânica. A suposta identidade germânica de Joinville é ressaltada no grupo, conforme a figura 1; trata-se de uma postagem a respeito do dia da imigração alemã, comemorado em 25 de julho.

Figura 1 – Publicação do grupo “Joinville de ontem” referente à imigração alemã



Captura de tela (print) obtida em 10/9/2019

Sabemos que atualmente Joinville é uma cidade múltipla. A sua história conta também com a presença de populações negras, indígenas e de outras minorias étnicas que foram esquecidas ou silenciadas para criar uma representação da identidade germânica da cidade. Uma identidade coletiva, ainda que seja uma fantasia coletiva, pode se manter e ser transmitida se os sujeitos nela envolvidos se apropriarem e compartilharem seus sentidos discursivos. Para fazer parte de uma comunidade é preciso que um sujeito se identifique com ela, e para que haja um processo de identificação a comunidade precisa ter uma matriz comum de inteligibilidade daquilo que a une e daquilo que a diferencia das pessoas que não a integram e, sobretudo, das pessoas que jamais poderiam integrá-la. Ressalta-se que a identificação é condicional, é um processo nunca completo de constante articulação e rearticulação. Se uma identidade pode ser estabilizada e fixada, uma identificação é sempre instável e mutável, pois está constantemente em ação. Ao contrário de uma identidade, uma identificação pressupõe a travessia de fronteiras culturais que oportunizam encontros nos quais as diferenças não funcionam mais como limites, e sim, mais propriamente, como limiares.

Apesar de sua enorme diversidade, Joinville foi representada por uma identidade coletiva baseada apenas em fatos históricos relacionados com o processo de imigração e colonização europeia. Stuart Hall (2000, p. 107) afirma que a identidade é ambivalente, fundada na projeção, na fantasia e na idealização, porém essas identidades coletivas só se mantêm pela diferença. A identidade e a identificação trabalham, de acordo com Hall (2000, p. 106), com o jogo da diferença. O processo de identificação precisa daquilo que é deixado de fora, do exterior que a constitui. Mas qual seria esse exterior? Seriam todos os demais grupos étnicos: migrantes, negros e indígenas, por exemplo. Apesar disso, o silenciamento, proposital ou não, é essencial para a memória e para a narrativa. Candau (2011) diz que o esquecimento é essencial para a memória individual. Lembrar de tudo o que acontece em nossas vidas, de cada detalhe, seria um fardo insuportável a carregar. Somente esse

distanciamento do passado, proporcionado pelo esquecimento, permite a reconstrução de nossas lembranças.

Apesar de misturar a ficção, o imaginado, a narrativa ainda é uma manifestação da memória. Toda manifestação da memória, seja ela individual ou coletiva, traz consigo uma verdade do sujeito. Os patrimônios culturais de uma cidade ou de um país servem como indicadores simbólicos da memória coletiva. Por meio de narrativas baseadas em fatos vividos no passado se criam discursos sobre uma memória e uma identidade coletiva de determinado local. Michael Pollak (1989) diz que a memória coletiva de uma cidade é seletiva e excludente, o que ele denomina de memória oficial. Em relação à memória oficial de Joinville, o grupo “Joinville de ontem” resalta imagens relacionadas aos príncipes, conforme figura 2. É válido lembrar que a memória é a base da identidade e que toda identidade necessita do diferente, sendo por natureza excludente. Em contrapartida à memória oficial, surgem diversas memórias subterrâneas. Estas são memórias silenciadas, muitas vezes pelos próprios sujeitos que se lembram de eventos traumáticos do passado mas não conseguem encontrar quem possa ouvi-los e dar-lhes atenção. Em contextos mais favoráveis, tais memórias subterrâneas vêm à tona. A contramemória surge entre as memórias subterrâneas, sendo a memória coletiva de grupos que não se sentem contemplados com a memória oficial. A memória oficial é formada por um processo de enquadramento da memória: são selecionadas memórias de grupos específicos que passam a representar, por meio da identidade coletiva, toda uma cidade ou país.

Figura 2 – Publicação do grupo “Joinville de ontem” exaltando a figura da princesa Francisca



Captura de tela (*print*) obtida em 15/9/2019

Svetlana Boym (2017, p. 159) propõe duas formas de nostalgia: a restauradora e a reflexiva.

A nostalgia restauradora prende-se ao retorno ao lar. Ela busca uma reconstrução trans-histórica desse lugar perdido no espaço-tempo. Nos tempos atuais, a nostalgia restauradora surge como verdade e tradição. Já a nostalgia reflexiva posterga esse retorno ao lar. Analisando os detalhes, é possível observar que a nostalgia restauradora não busca exatamente o passado, pois o que ela quer restaurar são os valores universais, como família, natureza, pátria e verdade. A nostalgia reflexiva põe em dúvida a verdade absoluta apresentada pela nostalgia restauradora. O passado surge de forma melancólica; é saudade e admiração, mas nunca uma restauração do que já se passou. Por se tratar de saudade e admiração, a nostalgia reflexiva vai amar os detalhes e não os símbolos. Mas as comunidades atuais, por meio do seu apelo ao passado, utilizam a nostalgia restauradora ou reflexiva? Seria possível a coexistência das duas modalidades nostálgicas no interior dessas comunidades? De que forma tais comunidades se apropriam do passado?

Analisando as postagens do grupo “Joinville de ontem”, é clara a sua atuação: ressaltar os bens culturais da cidade, patrimonializados ou não. O grupo atribui valor a marcos da cidade que atuam como indicadores simbólicos da memória coletiva dela, projetando e idealizando uma Joinville que não existe mais, ou que talvez nunca tenha existido. Um exemplo dessa atribuição de valor pode ser visto na figura 3, referente a uma antiga praça do município. Por meio de vestígios do presente, constrói-se uma Joinville dos sonhos, uma cidade que vive num passado imaginado. A “Joinville dos sonhos”, a de ontem, é constantemente aclamada pelo grupo em contraposição à Joinville do presente, como é possível observar na figura 4. O que se observa nesse grupo é uma narrativa coletiva sendo construída – com base em vestígios históricos selecionados – por meio de memórias e experiências individuais compartilhadas. Essa característica não é exclusividade do grupo “Joinville de ontem”. Os grupos que se configuram como nostálgicos apresentam como atributo essa narrativa em construção.

Figura 3 – Publicação do grupo “Joinville de ontem” referente a uma praça na região central



Captura de tela (print) obtida em 15/9/2019

Figura 4 – Publicação do grupo “Joinville de ontem” referente à paisagem urbana do passado

 Narrador visual · 30 de agosto de 2019

Saudades desta Joinville, pacata e ordeira...



Fritz Hofmann
30 de agosto de 2019

 Curtir Página

Duas relíquias que o progresso engoliu..
Duas ruas muito importantes da nossa Joinville
Rua do Príncipe esquina com a Rua Abdon Batista..
Data: ??

   450

39 comentários 44 compartilhamentos

Captura de tela (*print*) obtida em 18/9/2019

O grupo em questão apropria-se dos marcos de Joinville e interpreta-os à sua maneira. Cada membro do grupo possui uma interpretação sobre a cidade e seus símbolos. Porém a cidade, como afirma Henri-Pierre Jeudy (2005), excede a representação que cada pessoa faz dela. A cidade é carregada de signos, mas, no momento em que estes se tornam patrimônios, passam a pertencer a uma representação coletiva. A cidade contemporânea é uma verdadeira explosão visual: o patrimônio cultural, patrimonializado ou não, entra em contraste com as edificações mais contemporâneas. O ritmo acelerado contrasta com o monumento cristalizado no tempo. Jeudy (2005, p. 81) diz que essa desordem visual convida o cidadão a fazer sua própria leitura de cidade: “Mesmo que uma torre tenha sido destruída, ou que um monumento seja derrubado, sua destruição seguida de sua ausência permanecerão na memória dos cidadãos” (JEUDY, 2005, p. 82). A cidade está em constante movimento, ela é autometamórfica. Cada sociedade, em diferentes épocas, fará a sua própria interpretação e ressignificação da cidade. É isto que fazem essas comunidades nostálgicas virtuais: ressignificam e interpretam. Mas cada comunidade atribuirá um valor diferente à cidade, assim como cada indivíduo dentro de uma mesma comunidade também terá interpretações distintas.

O grupo “São Francisco do Sul e suas histórias”, por sua vez, aparenta praticar uma nostalgia

reflexiva. É comum encontrar no grupo fotos atuais de patrimônios da cidade descritos como locais turísticos, conforme as figuras 5 e 6. Quando se volta ao passado propriamente dito, o grupo estabelece um sentimento de saudade e admiração; é a melancolia que toma conta dos membros dessa comunidade. A comunidade apropria-se dos patrimônios de São Francisco do Sul para exaltar a sua beleza. A mensagem que a comunidade passa é clara: venha conhecer essa linda cidade histórica, com seu povo pacato e gentil. O desejo de retorno ao passado da cidade, tal como foi, não é pulsante. Mesmo assim, o sentimento de melancolia idealiza o município em prol da mercantilização turística. Muitos dos membros dessa comunidade não são naturais de São Francisco do Sul. Mas, por ser uma cidade litorânea, é comum receber as mais variadas pessoas, seus “admiradores”. É válido ressaltar que, apesar do crescimento populacional das últimas décadas, ela continua sendo uma cidade de pequeno porte. O centro histórico de São Francisco do Sul foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1987. Por esse motivo, as feições da cidade do passado não sofreram perdas significativas, pelo menos na região central, o que pode explicar o tom melancólico dos apelos nostálgicos que circulam no grupo. Pode ser esse também o fator que faz a nostalgia do grupo ser mais reflexiva e não tanto restauradora.

Figura 5 – Publicação do grupo “São Francisco do Sul e suas histórias” referente ao centro histórico



Captura de tela (*print*) obtida em 16/9/2019

Figura 6 – Publicação do grupo “São Francisco do Sul e suas histórias” referente à paisagem

Embraseia o Ocidente na despedida
do Sol... Aves em bandos alvoroçadas,
Por céus de ouro e de púrpura raiados
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...
Delineiam-se, além da encosta
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, embatem derramados
Uns tons suaves de melancolia... Poesia de Adelino Fontoura e foto
maravilhosa do nosso amigo Paulo Roberto.



Captura de tela (*print*) obtida em 16/9/2019

Michel de Certeau (1994) afirma que, por um desejo pelo passado do qual resultaram diversos processos de patrimonialização, as coisas antigas se tornaram importantes. Precisa-se desses patrimônios para que se sustente uma identidade coletiva. Na sociedade contemporânea, em que por meio da tecnologia tudo se torna obsoleto de maneira muito rápida, volta-se ao passado porque ele parece envelhecer menos do que o novo. Dessa forma, o passado presente da cidade é a sua marca de legitimidade. Busca-se renovar mais do que inovar: “Ela empreende sempre ‘salvar’, mas trata-se de complexos destroços impossíveis de classificar numa linearidade pedagógica ou abrigar numa ideologia referencial e disseminados numa cidade como os traços de outro mundo” (CERTEAU, 1994, p. 192). Os objetos patrimoniais, por serem cristalizados no tempo, adquirem autonomia e organizam em torno de si todo o romance da cidade. A modernidade traz o desejo de tudo virar patrimônio, ao querer travar uma luta contra a ação do tempo pelo medo do esquecimento. O futuro é um lugar incerto, mas o passado pode ser glorioso.

O que caracteriza o grupo “Joinville de ontem” como uma comunidade nostálgica? Em primeiro lugar, o sentimento de comunhão desse grupo transcende o virtual. Encontros face a face com membros antigos e mais participativos são organizados, uma espécie de comemoração

e reencontro em que também se discute a ressignificação da cidade. Além disso, o grupo projeta a Joinville do passado como uma cidade gloriosa. É a Joinville de ontem que era harmoniosa, com seus belos jardins que lhe renderam o título de “Cidade das Flores”. A Joinville de ontem, uma cidade menor, trazia a sensação de segurança e conforto. Mas e os problemas que essa antiga Joinville possuía? Nem sequer são discutidos, pois são propositalmente “esquecidos”. A Joinville atual é a maior cidade do estado, uma cidade industrial. A Joinville de hoje apresenta todos os problemas de uma grande cidade contemporânea. A Joinville de hoje, e o que se imagina dela no futuro, é o lugar da insegurança, do medo e da incerteza. A Joinville de ontem, tal como é idealizada, é totalmente o oposto, ela é confortante. O que se busca no passado de Joinville são os sentimentos essenciais da vida coletiva: conforto, comunhão e segurança. O grupo, aparentemente, utiliza a nostalgia restauradora em nome da tradição. Algumas postagens mais audaciosas acabam imediatamente apagadas pelo moderador do grupo. E a nostalgia reflexiva? Não é o foco, mas é possível encontrar publicações que vão por esse viés. Alguns de seus membros, de forma consciente ou não, trazem fotos de objetos pessoais ou da própria família, na intenção de homenagear ou por puro saudosismo, sem a intenção de reviver o publicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade traz consigo uma organização social complexa: comunidades virtuais que buscam discutir o passado. Nessas comunidades constroem-se narrativas que evocam percepções e memórias individuais e coletivas. A busca pelo passado dá-se de forma nostálgica, que pode ser restauradora ou reflexiva. A nostalgia restauradora ressalta uma identidade coletiva imaginada e não consensual, reforçando sua imposição, enquanto a reflexiva permite um olhar mais crítico ao passado. Cada comunidade nostálgica defende a sua narrativa, criada pelo enquadramento da memória.

O grupo “Joinville de ontem” tende para uma nostalgia restauradora. É comum encontrarmos no grupo publicações em que seus membros desejam o retorno do passado tal como foi. A Joinville do passado era bela, pacata e ordeira, características essas apresentadas frequentemente pelos membros. A Joinville de hoje já não carrega a tranquilidade de outrora, seu ritmo é muito mais acelerado. Já no grupo “São Francisco do Sul e suas histórias”, a nostalgia tende para a reflexiva. As publicações lá feitas admiram a cidade e sua história, mas não desejam, de forma explícita, o retorno do passado em sua integralidade. Ressaltamos, novamente, que o fato de São Francisco do Sul ser uma cidade tombada pode contribuir para isso. As discussões no interior dessa comunidade visam enaltecer a beleza da cidade, com um foco especial para o centro histórico. Este é um lugar vivo, do qual partem todas as linhas de ônibus do município. O centro histórico abriga lojas, bancos e escolas. Tais fatores fazem com que os francisquenses tenham contato direto em seu cotidiano com as feições do passado local, o que, possivelmente, estimula o tom melancólico adotado na comunidade virtual.

Ambas as comunidades virtuais aqui estudadas apresentam apelos nostálgicos. São esses apelos que as movem e que, de forma intencional ou não, criam um ideal de passado e até mesmo de cidade. O apelo nostálgico das comunidades pode interferir no que os seus membros entendem por patrimônio e por bens culturais. Qual é a Joinville e a São Francisco do Sul ideais? Quais os principais bens culturais dessas cidades? Para que e para quem são os seus patrimônios? As narrativas em constante construção dessas comunidades virtuais acabam, a sua maneira, por responder a tais questões.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Introdução: a era da nostalgia. In: BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 7-18.

BAUMAN, Zygmunt. Uma introdução: ou bem-vindos à esquiva comunidade. In: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 7-12.

BIBLIOTECA IBGE. **São Francisco do Sul**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/saofranciscodosul.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**, n. 23, p. 153-165, 4 jul. 2017. Sociedade Brasileira de Teoria e História de Historiografia. Doi: <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i23.1236>. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 24 jun. 2019.

CANDAU, Joël. Da mnemogênese à memogênese. In: CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. Os fantasmas da cidade. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de identidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar.-ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003. Acesso em: 26 set. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

JEUDY, Henri-Pierre. Representação simbólica das cidades. In: JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 81-98.

JOINVILLE de ontem. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/about/>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NATALI, Marcos Piason. Uma genealogia da nostalgia. In: NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia**: um estudo das formas do passado. São Paulo: Nankim, 2006. p. 15-41.

PERUZZO, Cicilia Maria. Comunidades em tempos de redes. In: PERUZZO, Cicilia Maria. **¿Quais redes?** Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p. 275-298.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de

Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, NO GT DE COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA DAS MÍDIAS, 5., 2001, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: PUC, 2001. p. 1-14. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RIBEIRO, Igor. Facebook traz primeira campanha global ao Brasil: país é segundo mercado depois dos EUA a receber “Somos mais juntos”, considerada estreia da plataforma em *branding* direcionado ao consumidor. **Meio & Mensagem**, 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/09/23/facebook-traz-primeira-campanha-global-ao-brasil.html>. Acesso em: 13 jan. 2019.